

Excelentíssimo Senhor Governador

A justa reivindicação salarial que culminou no último movimento paralista, na área de saúde, tomou proporção inaudita. Tanto pela extensão no tempo, 29 dias, como pela extensão do ato: pela primeira vez ousaram fechar serviços de emergência.

Hospitais inteiros foram esvaziados e lacrados. Doentes foram transferidos, piquetes formados, profissionais coagidos e deslocados de um hospital para outro, em operação que o Comando de greve, apropriadamente, ou por similitude, denominou de "arrastão". O comando passou a decidir quem, se, quando e onde alguém era atendido.

Sete hospitais foram esvaziados. Os outros três permaneceram apenas com os serviços de emergência funcionando, superlotados, com real prejuízo aos pacientes. Plantões foram abandonados e, mesmo nessa circunstância, Brasília viu e ouviu representantes de classe e de entidades repetirem que não se caracterizava omissão de socorro, ou falta grave, ainda que os locais onde se deveria prestar socorro houvessem sido deliberadamente abandonados.

Na verdade, senhor Governador, o que ocorreu não foi uma greve, foi um motim. A administração de saúde mudou de mãos, chefes de serviços, diretores de Hospitais e o próprio Secretário de Saúde estivemos manietados o tempo todo, impossibilitados até mesmo de organizar alternativas de atendimento que permitissem assistir a população. Decisões judiciais foram simplesmente ignoradas.

O que houve de fato, repito, foi um motim.

Em nenhum momento foi alegada falta de condições de trabalho — carro chefe de outros momentos parelistas. Desta vez a questão foi exclusivamente salarial. Reconheço, como Vossa Excelência também o faz, a justeza da reivindicação. Mas não há, nesta cidade, quem ignore, por tantas vezes repetido, que o GDF depende do Governo Federal para tal mister.

Em que pese esse reconhecimento, permanece um abismo entre a compreensível pressão por melhores salários e paralisação selvagem de serviços emergenciais que, inevitavelmente, atinge com maior contundência os mais pobres. Justamente aqueles cuja única

LUÍZ LEMOS/GDF



Frejat entregou o cargo a Roriz afirmando que não foi uma greve, mas motim

alternativa é o serviço público de saúde.

Todos conhecem a minha posição contrária ao abono de ponto de grevistas. E a tenho defendido com desassombro. Conquanto seja a greve um instrumento legal ela envolve riscos, entre os quais o não pagamento dos dias parados, ou no mínimo sua reposição. De outra forma transformar-se-ia em licença remunerada ou estímulo a novos movimentos, já que não sofre qualquer prejuízo quem a faz. Sem contar com o tratamento desigual dado a quem não adere, seja pela coação que sofreram, seja pela remuneração igual a de quem não trabalhou.

Não sendo leniente com o abono de ponto, sou absolutamente intransigente com a não punição dos que cometeram falta grave ao abandonarem os plantões. Não bastasse o aspecto ético e de solidariedade humana dos quais a minha consciência não consegue se desvencilhar, persegue-me a certeza de que, como consequência, a Secretaria de Saúde tornar-se-á inadministrável.

Na reunião em que se chegou a uma conciliação sobre o fim da greve, o comando colocou como premissa para a negociação salarial o abono das faltas e não punição dos grevistas, sem o que não prosseguiria a negociação salarial.

Essa atitude deixou Vossa Excelência à mercê de uma chantagem: ou se ultrapassava a intransigência ética do

Secretário de Saúde ou a população permaneceria sem atendimento. Como Vossa Excelência sabe, abri mão de ser o obstáculo para que a população não sofresse mais. Registre, entretanto, o meu inconformismo, convencido de que a chantagem não contempla alternativas.

Acabou a greve. Mas o inconformismo não. Não tenho conseguido conciliar a minha consciência profissional com a convivência forçada que tive de aceitar para dar um basta ao sofrimento a que haviam submetido a população de Brasília. É bem possível que alguns áulicos sofismem dizendo que aético é pagar baixos salários. Também o é. Mas um erro não justifica o outro.

Aguardei a normalização do funcionamento da rede hospitalar, pois entendo que o comandante não abandona o barco em meio à tempestade. Reorganizei o sistema e dei prosseguimento as obras e programas paralisados. Mas a paz de consciência e a dignidade não podem ser perdidas.

Por estas razões, ao lado do agradecimento pela confiança em mim depositada e na certeza de que Vossa Excelência continuará tudo fazendo para amenizar o sofrimento de nossa gente, é que peço demissão do cargo de Secretário de Saúde do Distrito Federal, em caráter irrevogável.

Deputado JOFRAN FREJAT